





Presos vão para Caio Martins: O uso do complexo esportivo como prisão política em 1964¹



Prisoners go to the Caio Martins: the use of the sports complex as a political prison in 1964

*Gabriel da Costa Santos*²

1 O título é inspirado na manchete do jornal *O Fluminense*, do dia 23 de abril 1964, presente no Relatório parcial CVN.

2 Graduando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Email: santosgabriel@id.uff.br

Resumo: A proposta deste trabalho versa sobre a análise do estádio Caio Martins e sua utilização como prisão política na cidade de Niterói durante o ano de 1964. Construído no início dos anos 40, meses após o golpe militar que finalizou governo de João Goulart, tornou-se um dos primeiros estádios a ser usado como cárcere político e centro de torturas da América do Sul. A pesquisa busca, por meio de arquivos, depoimentos de ex-presos e notícias de jornais, apresentar essa história e trazer alguns desdobramentos das ações militares em 1964 na cidade de Niterói.

Palavras-chave:

Caio Martins, Niterói, estádio-prisão.

Abstract: The proposal of this work deals with the analysis of Caio Martins stadium and its use as a political prison in the city of Niterói during the year 1964. Built in the early 40's, months after the military coup that ended João Goulart's government, has become one of the first stadiums to be used as a political prison and torture center in South America. The search looks, by means of archives, testimonies of ex-prisoners and news from newspapers, present this history to bring some unfolding of the military actions in 1964 in the city of Niterói.

Keywords:

Caio Martins, Niterói, stadium-prison.

Introdução: O Estádio

No decorrer deste artigo a discussão passará pelos anos iniciais de governo militar e buscará trazer detalhes de como o estádio Caio Martins foi utilizado já de imediato como prisão política, buscando ter nesse caso um exemplo de que a ditadura foi de fato dura desde sua implementação. Trazer relatos de ex-presos sobre suas lembranças do presídio são parte fundamental da minha análise, visto que a riqueza de detalhes que essas pessoas podem trazer, talvez documento nenhum possa. Começo contando um pouco da construção do estádio, em seguida remonto uma breve historiografia acerca das interpretações do Golpe. O próximo passo é chegar ao ano de 1964 onde a busca é mostrar um pouco do contexto do golpe e suas implicações na cidade de Niterói, enxergando a transformação do estádio em presídio. Por fim, chegar aos relatos dos presos e correlacioná-los à época, evidenciando como eram tratados aqueles encarcerados no Caio Martins.

Quando se fala em estádios de futebol utilizados para fins carcerários e espaço de crimes contra os direitos humanos, logo se remete ao caso mais famoso: o Estádio Nacional no Chile. Foi oficialmente utilizado pelas forças do Estado durante a ditadura de Pinochet, sendo palco de torturas e mortes de opositores ao regime. Anos antes do Nacional ter seus metros quadrados tomados pelas forças repressoras, no Brasil, o Caio Martins foi um dos primeiros, quem sabe, o primeiro complexo Estádio-Prisão da América a ter essa mancha em sua história.

Com a partida Canto do Rio 1 x 3 Vasco da Gama, no dia 20 de julho de 1941, na Rua Presidente Backer, s/n - Icaraí, Niterói - RJ era inaugurado o Estádio Caio Martins atendendo

assim aos anseios do então governador Ernani Amaral Peixoto que queria trazer jogos do campeonato carioca para a capital fluminense. As obras começam então, onde anteriormente existia um gasômetro e um “canódromo”³, onde aconteciam exposições e corridas de cães.

Em 1940, a propriedade foi adquirida pelo governo estadual para se tornar a praça de esportes da capital fluminense. O pequeno estádio existente, então, foi substituído por uma nova estrutura para dez mil espectadores, com campo de futebol e uma pista de atletismo. Nos anos seguintes, o estádio seria inserido num complexo esportivo com outros equipamentos, como o parque aquático e o ginásio para esportes de quadra fechada. O ginásio, em especial, se destacaria como obra de arquitetura moderna que marcou o segundo governo de Amaral Peixoto, entre 1950 e 1953, já como governador eleito.⁴

O complexo esportivo, que além do estádio conta com um ginásio poliesportivo e um parque aquático, foi nomeado em homenagem ao jovem escoteiro Caio Viana Martins, que morreu aos 14 anos em vista de um trágico acidente ferroviário, no ano de 1938, na região de João Alves, em Minas Gerais. Segundo Knauss & Maia:

Sua biografia ficou conhecida pelo fato de ter morrido depois de gravemente ferido no contexto do acidente, dispensando ajuda para oferecer socorro a outros feridos. Publicada nas páginas dos jornais da época, como o *Correio da Manhã*, de 12 de setembro de 1940, sua declaração de que “o escoteiro caminha com as próprias pernas” tornou-se o emblema de sua bravura.⁵

Entre as décadas de 40 e 60, o estádio foi palco de inúmeras partidas válidas pelo campeonato estadual, pré-união da Guanabara com o Estado do Rio⁶. Sua inauguração colocava Niterói como uma grande cidade no âmbito esportivo sendo comparada à São Paulo, como, por exemplo, traz as páginas do *Correio da Manhã* em sua reportagem:

Com a inauguração do Estádio Caio Martins, pode agora Niterói ser comparado a outros centros mais adiantados no gênero, pois como aconteceu com S. Paulo, possui um local amplo e moderno para os grandes jogos para onde acorrerá ao certo um público novo e numeroso correspondendo assim com sua preferência aos esforços dispendidos pelo gremio alvi-celeste.⁷

Uma breve discussão historiográfica sobre as causas do golpe de 64.

Para iniciarmos esse tópico, é importante ressaltar as diversas interpretações e versões produzidas pela historiografia e que, para se remeter ao que aconteceu no ano de 1964, escolhas foram e são feitas de acordo com uma série de interesses e/ou crenças particulares. Marcus Dezemone introduz assim quanto a esse tema:

3 Informação veiculada pelo *Jornal Correio da Manhã*, 18 de Julho de 1941.

4 KNAUSS, Paulo & MAIA, Eric. **Niterói. 1964 – Memórias da Prisão Esquecida: A Operação Limpeza e o cárcere político do Caio Martins**. Revista Acervo, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, jan./jun. 2014, p. 118.

5 KNAUSS & MAIA, Op. Cit. 118.

6 Vale ressaltar aqui a questão de que com a mudança definitiva da capital do Brasil para Brasília, a cidade do Rio de Janeiro se tornou estado da Guanabara, enquanto o restante continuava sendo estado do Rio de Janeiro, onde Niterói era capital. Somente no dia 1º de julho de 1974, o General Ernesto Geisel sancionou a lei de fusão dos Estados, apoiado por defensores que pregavam que a união seria benéfica para o desenvolvimento regional e criticado pelo alto custo da fusão para a economia da Guanabara.

7 *Jornal Correio da Manhã*, em 20 de julho de 1941.

As versões sobre o que ocorreu em 1964 com o afastamento forçado de João Goulart da presidência são diversas: “revolução” para os vitoriosos; “golpe”, “golpe de Estado”, “golpe militar” para os derrotados; e mais recentemente “golpe civil-militar” para parte da historiografia. Alguns analistas ainda falaram em “contrarrevolução”, recuperando uma expressão também adotada pela repressão. Cada um desses termos implica em escolhas. Qualquer delas que seja efetuada não pode desconsiderar que um presidente que atendia a todas as prerrogativas constitucionais foi afastado pelo uso da força. (...) democracia não é apenas o regime da vontade da maioria; é o regime no qual a vontade da maioria é acatada, respeitando-se os direitos das minorias.⁸

Esse fragmento nos dá a exata dimensão de que intensos debates historiográficos são travados a respeito das motivações e justificativas para que o presidente João Goulart fosse afastado ou se afastasse do cargo de presidente e iniciasse no Brasil o Regime militar que durou mais de vinte anos. Não pretendo me alongar nas discussões e narrativas que são produzidas acerca desse tema, contudo se faz necessário trazer algumas correntes que o pensam.

O Historiador Carlos Fico em um trabalho que fez alusão aos 40 anos do golpe, delinea que os trabalhos inicialmente vinham da ciência política de vertente norte-americana; e da memorialística, com a visão tanto do lado dos militares quanto dos opositores. A respeito da tradição memorialística, Dezemone reflete que: “Foi nessa tradição que a fragilidade de Goulart e a indecisão do presidente foram alçadas à condição de explicação fundamental para o golpe. Até na historiografia se encontram obras que reproduzem essa visão.”⁹

Fico, ainda no mesmo artigo, traça três principais correntes que tentam explicar o fenômeno causado em 64: 1 - as tentativas de teorização da Ciência Política; 2 - As análises marxistas; 3 - A valorização do papel dos militares.¹⁰

O trabalho de Wanderley Guilherme dos Santos, *O cálculo do conflito: estabilidade e crise na política brasileira*¹¹ se destaca no pensamento historiográfico brasileiro ligado a essa teorização da ciência política. Santos defende uma crise decorrente de uma “paralisia decisória” do governo Goulart. Essa paralisia ocorreu diante da dispersão do poder entre atores que estavam radicalizados em suas posições, causando um colapso do sistema político. O cientista político defende que o Golpe ocorreu muito mais pela imobilidade do governo em agir do que pela reação aos planos reformistas de Goulart.

Dentre as análises Marxistas, podemos chamar a atenção para a interpretação de Jacob Gorender em *Combate nas trevas*¹², livro divulgado em 1987, onde o ex-militante comunista e historiador autodidata defende pelo menos duas linhas interpretativas sobre as causas do golpe: 1 - o papel determinante do estágio em que se encontrava o capitalismo brasileiro, levando a uma real ameaça à classe dominante e 2 - Ao aspecto preventivo da ação direitista, vindo da possível ameaça de revolução da esquerda.

Ainda no campo marxista é enorme a influência do trabalho: *1964: A conquista do Estado*, de René Armand Dreifuss¹³. Segundo Marcos Napolitano:

8 DEZEMONE, Marcus. **1964 e as batalhas de memória 50 anos depois**. Revista Maracanan Ed: n. 11, Dezembro 2014, p. 58.

9 DEZEMONE, Op. Cit. p. 58-59.

10 FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, 2004, p. 42.

11 SANTOS, W. G. dos. *O cálculo do conflito: estabilidade e crise na política brasileira*. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Ed. UFMG, IUPERJ, 2003.

12 GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

13 DREIFUSS, René. *1964. A conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981.

René Dreifuss aprofunda a análise do papel a conspiração da direita civil calcada no empresariado brasileiro com ligações transnacionais. Apoiado em vasta documentação, demonstra o a luta por hegemonia levada a cabo pela direção política da burguesia associada ao capital multinacional que se concretiza na “conquista do Estado”. O livro colocou nova luz sobre a organização empresarial materializada no Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e no Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), órgãos que ao lado da Escola Superior de Guerra formaram o *think tank* golpista e orquestraram a “desestabilização” do governo Joao Goulart.¹⁴

Chegando até a terceira corrente que diz respeito a valorização dos militares, está ligada a depoimentos dados por militares aos estudiosos do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas. Esses discursos baseiam as causas para o golpe de 1964 na tentativa de instaurar a ordem no país diante do perigo comunista, da desordem política e dos ataques a hierarquia militar.¹⁵

Outras discussões são aprofundadas a partir dessas três correntes como o trabalho de Argelina Cheibub Figueiredo, *Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*¹⁶, em que autora dá grande importância às teses que afirmavam que o golpe era inevitável diante da consideração de algumas condições de fatores econômicos ou políticos e institucionais. E concorda com argumentos de que a radicalização das posições de Goulart favoreceram os movimentos golpistas no fim do governo.

Esse trabalho de Figueiredo influenciou outras teses como a defendida por Daniel Aarão Reis Filho de um “golpismo de esquerda” e reforçando que igualmente a direita e a esquerda derrotada encontravam na política nacional – estatista um adversário a ser superado. Reis Filho busca demonstrar como o processo de radicalização da esquerda levou ao golpe.¹⁷

Por fim, é interessante ressaltar o trabalho do historiador Carlos Fico, agora trazendo a influência dos EUA no Golpe militar no livro *O grande irmão*, de 2008, onde em uma grande pesquisa documental, Fico demonstra o grande financiamento dos Estados Unidos às campanhas de oposição a Goulart para as eleições de 1965 e, em seguida, a participação e mobilização das tropas militares rumo ao golpe em uma operação que ficou conhecida como *Brother Sam*. Essa operação mostrou o real desejo do governo estadunidense em apoiar os militares brasileiros em caso de resistência da esquerda, como ela não aconteceu, a *Brother Sam* se desfez antes de chegar ao Brasil.

Existe ainda mais uma gama de outras contribuições historiográficas a respeito das caudas do golpe de 64, contudo conseguimos demonstrar nesse tópico alguns aspectos fundamentais das discussões já travadas sobre esse tema. Vamos passar nesse momento para o desenrolar do golpe, sua recepção na cidade de Niterói e a transformação do Estádio Caio Martins em presídio.

14 NAPOLITANO, Marcos. O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro. Apontamentos para uma revisão historiográfica. *Historia y problemas del siglo XX*. Vol. 2, Ano 2. 2011. p. 2012.

15 Dentre os trabalhos sobre essa temática destacam-se: D’ARAÚJO, M. C., SOARES, G. A. D., CASTRO, C. (Org.) *Visões do golpe. A memória militar sobre 1964*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994 e SOARES, Gláucio Ary Dillon; D’ARAÚJO, Maria Celina. *21 anos de Regime Militar: Balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

16 FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993, p. 28-29.

17 REIS FILHO, Daniel Aarão. **Estado e trabalhadores: o populismo em questão**. *Locus (Juiz de Fora)*, v. 13, 2007, p. 101-103. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/54.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

O Ano de 1964 na cidade de Niterói: O Estádio se torna prisão.

Em 13 de março de 1964 aconteceu o comício na central do Brasil, no Rio de Janeiro, onde o presidente João Goulart anunciou as Reformas de base¹⁸ diante de, aproximadamente, duzentas mil pessoas¹⁹. As multidões foram convocadas a lutar novamente pela manutenção do governo, assim como fizeram anos antes na campanha pela legalidade que colocou um fim ao parlamentarismo adotado em 1961. Contudo, o clima anticomunista e a pressão de setores conservadores, da sociedade estavam ainda maiores, visto que:

Ainda que o projeto das reformas de base pudesse ser entendido como forma de viabilizar o capitalismo brasileiro sobre alicerces que o arrancariam do atraso ao garantir maior autonomia da economia nacional, a oposição conservadora o acusava como uma tentativa de promover a instalação de uma ordem socialista no Brasil.²⁰

Deflagram-se pelo Brasil inúmeros conflitos e manifestações contra o governo de Jango. O processo de formação da união sagrada contra o comunismo se consumou, reunindo as elites empresariais, militares, políticas, religiosas e as classes médias, todos amedrontados ante a possibilidade de uma suposta ruptura revolucionária. Enquanto a União Democrática Nacional (UDN), parte do Partido Social Democrático (PSD) e alguns outros menores partidos lutavam pelo *impeachment* do presidente João Goulart, entidades civis como a Campanha da Mulher pela Democracia (Camde), Fraterna Amizade Urbana e Rural (Faur), União Cívica Feminina (UCF)²¹ promoviam a realização, nas principais cidades do país, de manifestações conservadoras, que dentre as principais se destaca a que se deflagrou em 19 de março, em São Paulo: a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” que reuniu milhares de pessoas na praça da Sé. A proporção foi tamanha, que o *Jornal do Brasil* noticiou da seguinte forma:

Uma multidão calculada em 500 mil pessoas participou ontem, em São Paulo, da Marcha da Família com Deus pela Liberdade em defesa da Constituição e das instituições democráticas brasileiras e de repúdio ao comunismo, constituindo-se na maior manifestação popular já realizada na Capital paulista.²²

Knauss & Maia destacam que a mobilização conservadora refletida no Rio de Janeiro, mesmo diante de um comício na Central do Brasil tão grande de apoio ao governo, estava ligada a toda uma rede movimentos que tomaram conta do estado como um todo.

18 As chamadas reformas de base eram as principais bandeiras de governo do presidente João Goulart desde sua subida ao poder em 1961. Eram um conjunto de iniciativas que dentre elas tinham: as reformas bancária, fiscal, urbana, administrativa, agrária e universitária. Trazia também a necessidade de estender o direito de voto aos analfabetos e às patentes subalternas das forças armadas, como marinheiros e os sargentos e previa uma intervenção mais ampla do Estado na vida econômica e um maior controle dos investimentos estrangeiros no país, mediante a regulamentação das remessas de lucros para o exterior. Houve uma grande mobilização popular tanto de trabalhadores urbanos quanto de organizações de trabalhadores rurais em prol da implementação das reformas. Contudo, principalmente por sugerir a reforma agrária, as reformas de base enfrentaram séria resistência de setores conservadores de dentro do governo e de lideranças ligadas a UDN e apoiados por latifundiários. Com o Golpe em 64 as reformas não puderam ser concretizadas.

19 SÁ MOTTA, R. P. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva. 2000. p. 234.

20 KNAUSS & MAIA Op. Cit. p.100.

21 LOPES, Henrique S.G. **Caio Martins: O primeiro complexo estádio-prisão da América-Latina**. II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer. Belo Horizonte. 2016. p. 131-141.

22 *Jornal do Brasil*, 20/03/1964. p. 1.

É preciso considerar, igualmente, que as demonstrações sociais conservadoras nas ruas da cidade do Rio de Janeiro eram também o resultado de uma mobilização ampla que envolvia contingentes de diversas partes do antigo estado do Rio de Janeiro. Nas páginas do dia 31 de março de 1964 de *O Fluminense*, por exemplo, dava-se notícia da mobilização que envolveu a preparação para a grande manifestação que tomaria as ruas no dia 2 de abril de 1964, demonstrando o apoio popular ao golpe militar.²³

Diante desse cenário, no dia 31 de março ainda de madrugada, as tropas comandadas pelo General Mourão Filho se deslocaram de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro. Com o apoio dos governadores de São Paulo, Adhemar de Barros, e de Minas Gerais, Magalhães Pinto, os militares do assumiram o governo, visto que João Goulart deixara o Rio rumo à Brasília e depois viajaria para Porto Alegre. Na capital gaúcha, o ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola tentou convencer Jango a permanecer no Brasil, não obtendo sucesso. Assim, o presidente rumou ao exílio no Uruguai, de onde somente regressaria doze anos mais tarde, já sem vida. Diante desse cenário, o senador Auro de Moura Andrade, em ato ilegal, declara vago o cargo de presidente e um novo regime se instalou de imediato no dia 04 de abril de 1964.

Setores mais conservadores da cidade de Niterói receberam o golpe militar com celebrações, baseado em notícias veiculadas no periódico *O Fluminense*, Knauss & Maia afirmam:

Assim, segundo o jornal *O Fluminense*, não foram os tanques que marcaram a afirmação do novo regime em Niterói, capital do antigo estado do Rio, mas a alegria popular que inscrevia na vida urbana a aceitação da mudança da ordem política instituída. As ruas da cidade são apresentadas no discurso da imprensa regional como lugar de legitimação da ação política em curso na época.²⁴

Essas comemorações de setores conservadores niteroienses contrastam com o terror que aqueles que eram avessos ao regime passaram imediatamente após instalação da ditadura militar. Ocorreu um processo macro de perseguição e prisão de lideranças dos movimentos sociais como: operários navais, camponeses, advogados, sindicalistas, médicos, dentre outros. Essas perseguições por parte do governo ficaram conhecidas como Operação Limpeza.

Logo, centenas de pessoas passaram a ser presas sob as acusações mais variadas desde vinculação comunista até terrorismo. Neste momento vamos nos ater especificamente ao caso de Niterói e como o estádio Caio Martins imerso nesse contexto se transformou na Prisão Caio Martins, sendo o principal centro de torturas da antiga capital fluminense.

Em Niterói, todas as delegacias, inclusive o Departamento de Ordem Política e Social, mais conhecido pela sigla de DOPS, assim como os batalhões da Polícia Militar e os quartéis militares, ficaram com suas prisões superlotadas de sindicalistas, membros do movimento comunista, políticos de esquerda e qualquer pessoa que pudesse ser julgada como subversiva pelo recém-instalado aparelho repressor do novo governo.²⁵

As evidências surgidas imediatamente nos primeiros momentos de regime militar vão de encontro a uma frente historiográfica que enxerga que a tortura e a rigidez do militares só acontecem a partir de 1968, com a instituição do Ato Institucional Número 5, o AI-5. Carlos Fico remete a essa multiplicidade de discursos que compõem a historiografia ao dizer que:

23 KNAUSS & MAIA. Op. Cit. p. 102.

24 KNAUSS & MAIA. Op. Cit. p. 104.

25 KNAUSS & MAIA. Op. Cit. p.107.

Há muitas maneiras de se contar a história do regime militar, todas praticamente pela crescente historiografia sobre o período [...]. Mas o interesse pelo período doloroso não é recente: a facilidade com que a desarticulada conspiração se tornou vitoriosa, no dia 1º de abril de 1964, e o pasmante crescimento da repressão – que prendeu arbitrariamente e torturou desde o primeiro momento, e não somente depois de 1968 – suscitaram análises contemporâneas aos próprios fatos analisados.²⁶

Logo nos primeiros dias do regime militar, junto das lideranças de movimentos sociais já citadas, acusados de subversão e de comunismo eram procurados e presos em diversos lugares pela cidade de Niterói. Como o texto acima descreveu, inúmeros locais utilizados como prisões estavam em estado de superlotação, inclusive as dependências do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que foi criado em 1924 com a finalidade de coibir crimes de ordem pública e social, mas se tornou um dos principais os órgãos de repressão utilizados pelos militares. Diante do cenário descrito, os presos passaram a ser deslocados, para o ginásio do complexo esportivo Caio Martins. Após a destituição do prefeito de Niterói, Badger Silveira, Castelo Branco nomeou o general ligado ao partido político UDN, Paulo Torres, como governador do estado.²⁷

Sabe-se que o Caio Martins começa a funcionar como presídio por volta de 23 ou 24 de abril de 1964, como demonstra a publicação do jornal *O Fluminense*: “Presos vão para o Caio Martins”. O complexo esportivo permaneceu assim até o início de julho. Sob o comando das Forças Armadas, em especial o I Exército, o presídio esteve também intimamente vinculado ao Departamento de Ordem Política e Social e à Secretaria Estadual de Segurança Pública²⁸ e não somente recebia presos de Niterói e São Gonçalo, mas também de todo estado do Rio de Janeiro.



Imagem 1: Jornal *O Fluminense*, 23 de abril 1964 (Relatório parcial CVN, p.11)²⁹

26 FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão., in FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). *O Brasil Republicano*. Vol. 4. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003. p. 169.

27 Informações constam do Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades da Comissão da Verdade de Niterói, junho de 2014.

28 Ver mais em: <http://www.cartografiasdaditadura.org.br/files/2014/11/Estadio-Caio-Martins_final.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2017.

29 Arquivo CNV, “Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades” da Comissão da Verdade de Niterói, de junho de 2014. p. 11. As imagens aqui utilizadas não necessitam de autorização prévia do autor, pois estão em domínio público e estão disponíveis no Relatório Parcial da Comissão da Verdade de Niterói.

Em entrevista concedida a Paulo Knauss, Manoel Martins, filho de militante comunista, conhecido como advogado de sindicatos e militante do PCB revela que os presos no ginásio do Caio Martins eram dos mais variados:

Quando a gente foi preso no Caio Martins, houve uma época em que o governo misturou problemas políticos com problemas de jogo de bicho, de contravenção, de crime da economia popular, e prendia todo mundo misturado. E teve o Albano, não sei se vocês já ouviram falar, o fundador da [escola de samba] Viradouro, era um gordão, que foi preso como contraventor e foi misturado lá com a gente.³⁰

Somando a essa informação, na tabela abaixo disponibilizada pela comissão da verdade de Niterói, percebemos a diversidade de profissionais que passaram pelo presídio. Isso nos traz uma riqueza de informações importantes para análise de quem eram essas pessoas que estavam sendo presas. Mostrando assim que as perseguições não seguiam um perfil pré-estabelecido, visto que se encontravam nessa situação profissionais das mais diversas áreas.

Tabela 1: (Relatório parcial CVN, p.15)³¹

Profissão					
Operários Navais	25	Jornalista	3	Corretor de Imóveis	1
Advogados	14	Médico	12	Estivador	1
Contador	5	Piloto	1	Fundidor	1
Coronel Reformado	1	Bancário	1	Industrial	2
Dentista	2	Professor	4	Inspetor de bondes	1
Engenheiro	6	Serviço de Almoço	1	Lavrador	2
Ex-deputado		Prefeito de Teresópolis Flávio Bortoluzzi	1	Mecânico	1
Francisco Alves da Costa	1	Caldereiro	1	Motorista	2
Farmacêutico	1	Comerciante	1	Soldador	1
Funcionário Público	3			Total	84

Segundo o Relatório preliminar da Comissão municipal da verdade de Niterói,

O Caio Martins funcionou como um grande centro de triagem, de onde os presos de outras unidades prisionais ou que estavam sob inquérito a partir de outra instituição eram detidos. E de onde eram sacados para prestar depoimentos em outros estabelecimentos da estrutura repressiva, notadamente o DOPS-RJ, localizado na Avenida Amaral Peixoto, do DOPS da Guanabara, situado na Rua da Relação e o Centro de Armamento da Marinha (CAM), na Ponta de Areia. Eram nestes locais que, no correr dos interrogatórios, os presos, não raro, sofriam torturas.³²

Assim, o Estádio Caio Martins se tornou oficialmente, por alguns meses, o presídio Caio Martins e durante esse período não se via mais jogadores no gramado, mas sim presos políticos que se amontoavam durante os banhos de sol.

³⁰ KNAUSS & MAIA, Op, cit. p. 111.

³¹ Arquivo CNV, “Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades” da Comissão da Verdade de Niterói, de junho de 2014. p. 15.

³² ARQUIVO CVN. Comissão da Verdade de Niterói: Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades. Rio de Janeiro: CVN, Jun./2014.

Lembranças de ex-presos do Estádio-prisão Caio Martins

Michael Pollack remete à importância de se dar voz a uma memória que com o tempo vai se enclausurando diante de outra que se torna hegemônica, visto que “Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.”³³

Logo, essa memória quando colocada a público por meio dos próprios ex-presos, saem do silêncio que, segundo Pollack, “longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”³⁴ e agora se posicionam e denunciam de fato os inúmeros crimes que ocorreram no Brasil.

A comissão nacional da verdade revelou detalhes do lado mais sombrio da ditadura. Aqueles que foram submetidos a torturas das mais variadas formas são convidados a prestar seus testemunhos em eventos que buscam salvaguardar essas memórias e trazer a público o tamanho dos crimes em que o Brasil esteve sob o comando dos militares. Além dos depoimentos diretamente à comissão da verdade, jornais e pesquisadores têm buscado fazer entrevistas com esses ex-encarcerados, que também revelam informações importantes sobre suas lembranças do cárcere.

Neste trabalho foram separados alguns depoimentos de ex-presos que contam suas lembranças do tempo em que ficaram encarcerados no Presídio Caio Martins. Diante desses testemunhos, podemos perceber características do presídio, formas de torturas, que tipo de presos eram levados até o complexo esportivo e mais uma grande malha de dados que passam a ser peças-chave para um entendimento cada vez mais completo do período ditatorial brasileiro, visto que leva à público discursos que transpassam aqueles ditos por oficiais.

O advogado Manoel Martins foi preso no dia 9 de abril de 1964 e assim que implantado o presídio Caio Martins foi transferido para lá. Ele conta que:

Mais de 1800 cidadãos niteroienses foram presos no estádio. Durante 18 dias, o Caio Martins foi o terror implantado. Para ir ao banheiro, íamos acompanhados por um soldado com metralhadora. Éramos professores, operários e camponeses, muitos evangélicos das Testemunhas de Jeová. As pessoas chegavam em caminhões. Eu vi tanta coisa e continuei vendo e precisava registrar isso. O que aconteceu com essa cidade, com Niterói, esse foco de resistência.”³⁵

Sobre a sua prisão, em entrevista ao jornal *O Globo*, Martins relata:

Fui preso no dia 9 abril de 1964, após meu escritório, na Avenida Amaral Peixoto, ter sido devassado, assim como muitos lares em Niterói. Na época, eu era militante comunista e advogado dos principais sindicatos do estado. Depois de passar pelo reduto de repressão da Marinha, na Ponta d’Areia, e pelo Departamento de Ordem Política e Social, o DOPS,

33 POLLACK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudo Histórico. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989. p. 5.

34 POLLACK. Op. Cit. p. 5.

35 Depoimento em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/outros-destaques/151-campo-de-concentracao-tortura-mutilacao-e-solidariedade-nos-depoimentos-de-advogados-a-comissao-da-verdade>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

fui levado com meus companheiros, no dia 20, para o Caio Martins, que estava abarrotado de gente. Todos os dias chegavam caminhões lotados de presos. As condições eram desumanas. Fomos submetidos a todo tipo de humilhação.”³⁶

Dos Relatos de Manoel, podemos extrair novamente a diversidade de pessoas que eram presas e que, como no seu caso, além da prisão, tinham seus bens e pertences revistados e devastados. Assim, podemos evidenciar como era a rotina de trabalho das forças repressoras desde a identificação do preso até consumir a prisão.

No depoimento dado por José Gonçalves, ex-operário naval, percebemos como era a alimentação dada aos presos:

Era uma peneira. Época de chuva não tinha um canto que não chovesse... a gente ficava ali... A comida vinha da Polícia Militar. Quando chegava aqueles panelão de carne-seca ou bucho, já tava tudo qualhado de banha encima. Era aquilo que a gente comia.”³⁷

Benedito Joaquim dos Santos, presidente Sindicato dos Operários Navais do RJ, durante a eclosão o golpe de 64, em depoimento à Comissão da Verdade em Niterói, também relata a questão alimentícia precária no cárcere e como era a ida ao banheiro quando passavam mal:

O exército coloca para nós, para cada preso, um soldado com fuzil e baioneta... nós não podíamos fechar o banheiro, nós tínhamos que ocupar o vaso sanitário de porta aberta, com o soldado com fuzil apontado para a nossa cabeça... eu e muitos outros não conseguíamos realizar nossas necessidades preocupados com os soldados muito jovens e inexperientes com os fuzis apontados.”³⁸

Diante desses relatos, não se tem precisão se houve de fato tortura física nas dependências do presídio Caio Martins, mas percebe-se claramente a forte tortura psicológica que era praticada pelas forças repressivas contra essas pessoas.

Entretanto, Walter Batista, operário naval e delegado sindical à época da eclosão do golpe de 1964, após ter passado pelas prisões do DOPS e do CAM, em depoimento à Comissão da Verdade em Niterói, destaca que o tratamento dado aos presos no Caio Martins era diferente das outras praças de reclusão utilizadas pelo regime. Pela falta de preparo do local para ser um presídio, então poderia conversar com seus companheiros e isso o deixaria mais à vontade.

Foi uma prisão que, digamos assim, que eu me senti mais à vontade, porque ali estavam muitos companheiros. Nas outras que nós estivemos ficávamos isolados, e ali no Caio Martins nós ficamos pelos cantos ali na arena, um do lado do outro conversando (...) apesar deles terem levado também alguns marginais para o Caio Martins, mas eles ficavam separados desses criminosos por uma corda e os policiais não deixavam os marginais virem para o nosso lado.”³⁹

Esse relato de Batista, coloca-nos em uma outra posição, a de questionar-se como uma pessoa que foi presa pode dizer que se “sentia mais à vontade no presídio” apenas pelo

36 Informações em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/memorias-de-um-estadio-de-repressao-5027623>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

37 Arquivo CNV, “Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades” da Comissão da Verdade de Niterói, de junho de 2014. p. 44.

38 Arquivo CNV, “Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades” da Comissão da Verdade de Niterói, de junho de 2014. p. 33.

39 Arquivo CNV, “Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades” da Comissão da Verdade de Niterói, de junho de 2014. p. 37.



fato de poder conversar com seus companheiros? Mais adiante em seu relato, ele trata da diferenciação que os próprios presos enxergavam entre si e que a própria força de repressão percebia quando se referiu a uma parte dos presos como “marginais e criminosos” e eram separados por uma corda. Esse testemunho é de suma importância, pois nos dá a dimensão de como o tratamento dentro do Caio Martins não era uniforme e que Batista, em sua análise, enxergava que existia ali uma parcela de criminosos e que mesmo estando na mesma condição que ele, não eram iguais no que tange ao motivo da prisão.

Considerações finais

De acordo com pesquisa documental realizada pela Comissão da Verdade de Niterói (CVN), oficialmente sabe-se que o número de pessoas que foram presas no Caio Martins foi de 339, sendo estas oriundas de todas as partes do Rio de Janeiro. Essas fontes, tanto documentais como orais, indicam-nos que mais especificamente o ginásio do complexo foi utilizado como a prisão e centro de interrogatórios. Já o estádio de futebol em si foi utilizado para os banhos de sol. Essa análise nos permite afirmar que a ditadura, prendeu e cometeu crimes contra os direitos humanos já a partir da sua implementação através do golpe de 1964.

É muito significativo que em um regime que exaltou tanto a seleção de 70, “criando um consenso como um modo de estender ou criar legitimidade para o regime”, como aponta a historiadora Livia Magalhães⁴⁰, ligando o sucesso na copa do mundo do México à pujança do governo, e tenha feito uso, anos antes, de um estádio de futebol para cometer crimes contra os direitos humanos. A cidade de Niterói pouco deu destaque para esse passado sombrio que paira sobre o complexo esportivo e que tanto a história do jovem escoteiro quanto a violência causada pela repressão ficam apenas na lembrança daqueles que viveram e sofreram essas dores.

Knauss & Maia refletem em cima das contribuições de Paul Ricoeur⁴¹:

Não há um discurso que defina os quadros da memória dos acontecimentos, sobrepondo lembranças cuja marca é a tragédia. A perplexidade diante da experiência trágica parece impedir a memória e ofusca a lembrança, pois o mal-estar recalca a lembrança e instaura o esquecimento – que a história da memória pode trazer à luz.⁴²

O incômodo de se tratar o estádio de futebol como centro de tortura e repressão deve-se muito pela ausência de um centro de memória que relacione o Caio Martins não somente ao esporte, mas também revelando sua outra faceta, a de presídio. Tanto que em 18 de outubro de 2010 a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça realizou a 45^o Caravana da Anistia na Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense [UFF], em Niterói. Na ocasião, integrantes do Fórum dos Operários Navais de Niterói reafirmaram a proposta de criação de um centro de memória em homenagem aos atingidos pela ditadura no Estádio Caio Martins.⁴³

Essa iniciativa tem por objetivo, dentre tantos outros, dar a devida importância àquelas vozes que tem o potencial de levar a público uma versão por tempos deixada à margem e que por consequência uma das maiores manchas da história da cidade de Niterói, derramada sobre o complexo esportivo mais importante do Município foi esquecido pela sociedade. No que tange ao futebol durante esse período, as arquibancadas do Caio Martins permaneceram vazias enquanto atrás das grades havia cada vez mais gente.

40 Sobre esse tema ver mais em: MAGALHÃES, Livia. **Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970**. Revista PolHis. Ano 5. 2012 p. 241 Disponível em: <http://arquivo.polhis.com.ar/datos/Polhis9_MAGALHAES.pdf>. Acesso em: 27/02/2018.

41 RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

42 KNAUSS & MAIA, Op, Cit. p. 119.

43 Ver mais: <http://www.cartografiasdaditadura.org.br/files/2014/11/Estadio-Caio-Martins_final.pdf>.

Referências Bibliográficas:

Arquivo CNV, “Relatório Parcial de Pesquisa e Atividades” da Comissão da Verdade de Niterói, de junho de 2014.

DEZEMONE, Marcus. **1964 e as batalhas de memória 50 anos depois**. Revista Maracanã Ed: n.11, Dezembro 2014, p. 56-67.

DREIFUSS, René. *1964. A conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1981.

KNAUSS, Paulo & MAIA, Eric. **Niterói. 1964 – Memórias da Prisão Esquecida: A Operação Limpeza e o cárcere político do Caio Martins**. Revista Acervo, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, jan./jun. 2014.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão., in FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília (orgs.). **O Brasil Republicano. Vol. 4**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003. p. 167-205.

FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História, vol. 24, n. 47, 2004, p. 29-60.

FIGUEIREDO, Argelina Cheibub. *Democracia ou Reformas? Alternativas democráticas à crise política: 1961-1964*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Ática, 1987.

LOPES, Henrique S.G. **Caio Martins: O primeiro complexo estádio-prisão da América-Latina**. II Simpósio Internacional Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer. Belo Horizonte. 2016. p. 131-141.

MAGALHÃES, Livia. **Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970**. Revista PolHis. Ano 5. 2012 p. 241. Disponível em: <http://arquivo.polhis.com.ar/datos/Polhis9_MAGALHAES.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

NAPOLITANO, Marcos. **O golpe de 1964 e o regime militar brasileiro. Apontamentos para uma revisão historiográfica**. Historia y problemas del siglo XX. Vol. 2, Ano 2. 2011.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Estado e trabalhadores: o populismo em questão**. *Locus (Juiz de Fora)*, v. 13, 2007, p. 87-108. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/54.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SANTOS, W. G. dos. **O cálculo do conflito: estabilidade e crise na política brasileira**. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Ed. UFMG, IUPERJ, 2003.

SÁ MOTTA, R. P. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

Periódicos:

Correio da manhã

O Jornal do Brasil

O Fluminense

Outras Referências:

<<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/index.php/outros-destaques/151-campo-de-concentracao-tortura-mutilacao-e-solidariedade-nos-depoimentos-de-advogados-a-comissao-da-verdade>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

<<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/memorias-de-um-estadio-de-repressao-5027623>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

<<http://www.botafogo.com.br>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

<http://www.cartografiasdaditadura.org.br/files/2014/11/Estadio-Caio-Martins_final.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2017.

<<http://www.escoteirosrj.org.br/caio-martins>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

<<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/06/23/caio-martins-um-patrimonio-do-futebol-desperdicado-em-niteroi/>>. Acesso em: 27 nov. 2017.